

WITTGENSTEIN: SOBRE A RELIGIÃO QUE DÁ SENTIDO À VIDA

Cristian Moisés Closs Stahl¹

RESUMO: O objetivo deste artigo é abordar a visão de Wittgenstein em relação à religião. Primeiro as incumbências tradicionais da filosofia que levaram Wittgenstein a desenvolver as ideias contidas na obra *Tractatus Logico-Philosophicus*, demonstrando os limites do que podem ser dito não levam à rejeição do místico, submetendo a religião a um silêncio: indizível. Segundo momento, analisar a obra *Tractatus* numa perspectiva histórica e filosófica, abordando a possibilidade de compreender o místico e sua conexão como as bases das questões fundamentais da religião e o papel que desempenham nas vidas humanas, justificando fatos que evidenciam a crença em um ser transcendente.

PALAVRAS-CHAVE: Wittgenstein, *Tractatus*, Indizível, Místico, Crença.

WITTGENSTEIN: ON THE RELIGION THAT GIVES MEANING TO LIFE

ABSTRACT: The purpose of this article is to approach Wittgenstein's view of religion. First, the traditional tasks of philosophy that led Wittgenstein to develop the ideas contained in the work *Tractatus Logico-Philosophicus*, demonstrating the limits of what can be said, do not lead to the rejection of the mystic, submitting religion to a silence: unspeakable. Secondly, to analyze the work *Tractatus* in a historical and philosophical perspective, approaching the possibility of understanding the mystic and its connection as the basis of the fundamental questions of religion and the role they play in human lives, justifying facts that evidence the belief in a transcendent being.

KEYWORDS: Wittgenstein, *Tractatus*, Unspeakable, Mystic, Belief.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“O que não se pode falar, deve-se calar” (TLP. § 7). O desafio deste trabalho será retomar algumas posições conceituais do místico no *Tractatus*. Buscarei analisar, ler e contextualizar o místico de Wittgenstein numa construção pessoal do místico. Nesta leitura, alguns aspectos serão sinalizados. E, para iniciar a discussão, só

¹ Formado em Letras (2019) e Filosofia (2013) pela UNIFACVEST e UNISINOS. Mestrando em filosofia. Bolsista CAPES/Proex. Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. Maio de 2023. E-mail: cmc.stahl@gmail.com <http://lattes.cnpq.br/5844955339891212>

entenderemos o místico, se entendermos a tradição ocidental da filosofia. A pergunta que irá surgir é: o que faz a filosofia ocidental? Desde Platão, ela relega as coisas materiais ao mundo inteligível, ou seja, o mundo das ideias. O pensamento passa a ser o elemento que está para além do mundo físico, assim como os conceitos de alma, existência e surgimento do cosmos.

A filosofia tradicional construiu sua riqueza em cima de alguns objetivos, como tentar esclarecer aquilo que não pode ser dito. Iniciou-se um castelo de cartas sobre as realidades que não podem ser ditas, novamente o mundo das ideias. Até mesmo o cristianismo se apropriou dessa ideia, pois se fala mais do céu do que das coisas que nos circundam na terra.

A filosofia se tornou especialista nas coisas que não são palpáveis. Coisas que não estão neste mundo. Tornamo-nos especialistas daquilo que está fora do mundo e pouco do que está no mundo. Levávamos as coisas do mundo a uma coisa de segundo plano. A religião e a ética passaram a ser os princípios. O ocidente passou a ser especialista no que está fora do mundo. Não só postulamos essas questões metafísicas, escrevemos sobre elas, falamos sobre elas, sobre uma realidade que está além-mundo.

O drama da humanidade ocidental é dar ênfase às coisas externas. E assim, na obra de Wittgenstein, encontramos a pergunta pelo lugar da filosofia: qual o papel da filosofia? Há aí um limite na filosofia, porque daquilo que nós podemos falar está aos cuidados da ciência natural. Aos físicos cabe falar de física, aos biólogos da vida e da natureza, aos filósofos o que lhes recuaram, ou seja, falar daquilo que está além da natureza. Os escolásticos, por exemplo, sabiam mais de Deus do que da terra. Eles sabiam mais sobre a alma humana do que sobre alguma síndrome viral. Supomos que ocorra a pergunta da pretensão do filósofo de dizer coisas que não podem ser ditas? E, a resposta talvez esteja no que se convencionou dizer na morte da filosofia.

Ao término do *Tractatus*, Wittgenstein se retira da filosofia porque acredita ter encerrado o que pode ser dito e do que não pode ser dito é melhor se calar. O grande drama da filosofia está justamente em tentar dizer aquilo que não pode ser dito. E o que não pode ser dito? A resposta será um enunciado ao místico, ao inefável, ao indizível. E assim, o misterioso é o que intriga Wittgenstein.

O dilema filosófico está em questionar sobre algo que está para além deste mundo. Porque qualquer pergunta ou resposta para isso demanda sentido. Em outras palavras, está para além da linguagem figurativa. A filosofia não trata de solucionar os problemas da ciência natural, mas dos problemas sobre o sentido da vida e do mundo, dos valores absolutos, os quais a ciência não dá conta de resolver, ou não tem a pretensão. Problemas que dão sentido ao indivíduo portador de valores como bem e mal significam a busca por sentidos.

Para Wittgenstein, questões sobre a imortalidade da alma não devem ser colocadas, porque não têm respostas. E a não colocação destas questões é o que pode tornar a vida feliz. A linha tênue da linguagem se encontra no se questionar sobre problemas que não seriam problemas da ciência natural, seriam problemas ilusórios, por exemplo: “existe o bom?”, “é o bom igual ao belo?”, “qual a substância de Deus?”, “a alma é imortal?”. É neste campo filosófico que exaltamos os limites da linguagem. Não devemos calar, com intenção de ficarmos quietos quando encontramos sentido para a vida dentro das religiões. Devemos tomar as expressões religiosas como se fossem proposições figurativas que dão sentido à vida.

2 CONSIDERAÇÕES DO *TRACTATUS*

A partir da obra *Tractatus Logicus Philosophicus*, teve início a discussão em torno da filosofia de Wittgenstein, precisamente o místico. A filosofia apresentada no *Tractatus* de Wittgenstein é pensada a partir de dois eixos: a) Ela é a conclusão que Wittgenstein retira das filosofias de Frege e Russell; b) Ela é a tentativa de mesclar um forte comprometimento com a análise lógica da linguagem com uma espécie de “misticismo” que Wittgenstein aderir à época.

Wittgenstein ampara-se na lógica de Frege e na análise lógica que Russell desenvolveu, e tira suas próprias conclusões. A partir disso podemos nos perguntar: o que significaria para a história da filosofia levar essas teses ao fim e ao cabo? Se levarmos essas duas teses com toda a força, isso geraria o quê? O *Tractatus* é uma espécie de conclusão dessas duas teses. Não se trata de uma síntese do pensamento de

Frege e Russell, mas ele foi influenciado, e a partir daí, desenvolveu sua própria filosofia. Não é uma síntese da soma de Frege com a soma de Russell que dá o Wittgenstein do *Tractatus*, que é um pensador muito rico, próprio. Ela é uma tentativa de mesclar o comprometimento da análise lógica da linguagem com uma espécie de “misticismo”, uma virada ao silêncio filosófico, temas dos quais a filosofia não conseguia explicar e, portanto, o mais sensato seria se calar², tese que o Wittgenstein aderiu à época.

Wittgenstein usa o ferramental lógico para “demolir”³ parte da possibilidade de se falar sobre o mundo, e é com essa ferramental lógico que ele “demoliu” a estrutura do falar, implicando no silêncio. Wittgenstein usa da lógica em prol do que podemos denominar de “misticismo”, aquilo que não pode ser dito. Usa da lógica para impedir de se dizer o que se quer, e ao impedir a filosofia de dizer o que se quer, você chega ao “indizível”, “existe com certeza o indizível. Isto se mostre, é o que é místico” (TLP. § 6.522). Ou seja, aquilo que não pode ser dito. Logo, para uma resposta inexprimível é inexprimível a pergunta.

O enigma não existe. “Se uma questão pode ser colocada, pode ser respondida.” (TLP. § 6.5) Ou seja, há um paralelo entre a concepção religiosa e o místico presente na obra. Entender esse místico e sua ligação servirá de base para algumas questões fundamentais sobre a religião e o seu papel na vida dos sujeitos, sobre as possibilidades do discurso religioso e os fatos que evidenciam e justificam a crença.

3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O MÍSTICO

O pensamento de Wittgenstein sobre o místico parece controverso. Não por uma falta de compreensão de suas sentenças, mas pela surpresa que o tema causa ao lermos uma obra cheia de aforismos lógicos e análises linguísticas. Em alguns momentos, parece que as sentenças sobre o místico estão fora de contexto em relação às ideias sobre a clareza conceitual que o *Tractatus* se propõe.

² Wittgenstein, L. *Tractatus Logico-Philosophicus*, aforismo 7. O que não se pode falar, deve-se calar.

³ Optei por usar a palavra “demolir” para enfatizar o projeto filosófico de Wittgenstein.

Nos anos de 1921, o *Tractatus* será lido como uma obra de lógica, não uma obra contra o “misticismo”. Wittgenstein falará de tabela de verdade lógica. Usando-a como instrumento para levar à destruição parte da filosofia. “Os fatos fazem toda a parte da tarefa, mas não da solução” (TLP. § 6.4321). A tese do “misticismo” de Wittgenstein é controversa, pois se ela estiver certa, ela é do terreno daquilo que é “indizível”, portanto, podemos afirmar que se chega a ela, ao misticismo, mas o que ela significa? Fica o silêncio⁴.

Sob este ponto de vista é conhecida a categórica influência wittgensteiniana exercida sobre a filosofia contemporânea, sendo observada na perspectiva singular da filosofia da religião. Ao encarar o tema da religião no pensamento de Wittgenstein, especificar-se-á três pontos: a) o interesse pessoal de Wittgenstein a partir de registros particulares e de documentos pessoais que remetem à sua vida; b) as análises e observações sobre crenças religiosas encontradas em seus escritos particulares; c) a análise e a influência do seu pensamento sobre teólogos e filósofos da religião do século XX, que buscaram inspiração aos seus escritos e reflexões nas concepções místicas de Wittgenstein. Atrever-me-ei a desprender os três pontos traçando de maneira consciente uma reflexão sistemática de Wittgenstein sobre o tema proposto, o fenômeno religioso e, ater-me-ei ao terceiro fenômeno, o religioso, dito de outra forma, ao “místico” de Wittgenstein e a filosofia da religião do *Tractatus Logicus Philosophicus*, pois “o que é místico não é como o mundo é mas que ele seja” (TLP. § 6.44).

Retomando Wittgenstein, ele reitera que assim como todas as coisas estão, está Deus, e Deus está como as coisas estão; estamos diante de uma formulação que se torna um problema no campo ético, pois a relação com o mundo, na qual consiste a felicidade, o viver no eterno, ou seja, em um presente eterno, acarreta a consciência moral, definida como “voz de Deus”, assim como a concepção do caráter “transcendente” da ética e de seu fim último, o sentido do mundo: Deus. A essa formulação refuta a proposição do aforismo “Como é o mundo é perfeitamente indiferente para o que está além. Deus não se manifesta no mundo” (TLP. § 6.432).

⁴ Aqui faço menção a um trocadilho com o título da obra de Margutti.

O quadro que se pinta nessa problemática, do místico em Wittgenstein, o que é o místico⁵, é a produção das objeções filosóficas que se constituem na desastrosa compreensão lógica da nossa linguagem, segundo o *Tractatus*,

Representar na linguagem algo que "contrarie as leis lógicas" é tão pouco possível como representar, na geometria, por meio de suas coordenadas, uma figura que contrarie as leis do espaço; ou, então, dar as coordenadas de um ponto inexistente. (TLP. § 3.032)

A compreensão que procede principalmente da desordem entre a forma gramatical e a forma lógica, obtendo dizer aquilo que na linguagem não pode logicamente ser conclusivo, pois, a linguagem é a representação dos fatos, a totalidade dos pensamentos verdadeiros e figuração do mundo⁶, suas condições lógicas de significância que podem ser mostradas, mas não ditas. Para o *Tractatus*,

A lógica preenche o mundo, os limites do mundo são também seus limites. Não podemos, pois dizer na lógica: isto e isto existem no mundo, aquilo não. Porquanto se pressuporia aparentemente que excluímos certas possibilidades, o que não pode ocorrer pois, do contrário, a lógica deveria colocar se além dos limites do mundo, como se pudesse considerar esses limites também do outro lado. Não podemos pensar o que não podemos pensar, por isso também não podemos dizer o que não pode. (TLP. § 5.61)

Ou seja, aquilo que ultrapassa as fronteiras da linguagem não é capaz de explicitar de maneira séria a realidade. Retomando o pensamento de Wittgenstein, ele contesta que no cenário da manifestação de fé tenha que se falar de “hipóteses” ou de “probabilidades” como se faz na ciência, ainda que se fale de “evidências” e de “evidências da experiência”.

A singularidade da fé nos acontecimentos históricos sobre os quais se baseiam a fé cristã tem um significado distinto ao das crenças nos fatos históricos mais comuns ou conhecidos. Wittgenstein não me parece tensionar em contestar a historicidade da fé, mas assinalar de modo paradoxal a distinção entre uma crença histórica nas Sagradas Escrituras e uma crença baseada nos fatos históricos comuns. Essas crenças históricas da fé não seriam semelhantes às proposições históricas empíricas.

A despeito de tudo, parece-me que o fato de Wittgenstein manter sua posição sobre o tema fé e história valida à árdua compreensão das causais verdades históricas a

⁵ Wittgenstein, L. *Tractatus Logico-Philosophicus*, aforismo 6.44

⁶ Wittgenstein, L. *Tractatus Logico-Philosophicus*, aforismo 3.01

fim de determinar o sentido que ele dá às afirmações de fé incluídas em sua posição metodológica, submetendo a crença religiosa a uma interpretação e análise das hipóteses empíricas repetidas, segundo Wittgenstein, mal compreendidas. Contudo, conforme os principais modelos científicos, não há nenhuma obrigação epistemológica de interpretá-las.

Permanecendo com a análise das verdades históricas, Wittgenstein demonstra que o drama⁷ é aprimorar as diferenças, logo porque, muitos dos erros são representados por tentativas de fusão, quase apologéticas, do discurso religioso frente ao uso das ciências empíricas.

Podemos sintetizar, não sendo muito breve para isso, que a interpretação e eloquência das afirmações de fé como simples expressões, comportamento mesmo, de indivíduos “embebidos” pelas emoções, caíam na tela positivista pintada por Wittgenstein expressada por discussões. Não obstante, são críticas referentes à legitimidade de interpretar, de modo reducionista, expressões religiosas como premissas de comportamentos.

Explorando de modo mais analítico a evolução do discurso sobre a religião em Wittgenstein, identificamos de um lado as observações das expressões religiosas intimamente privadas de sentido por possuírem uma lisura, recurso eufemístico⁸, por possuírem um caráter metafórico e, portanto, não serem traduzíveis para uma linguagem dos fatos, linguagem real; e do outro lado, percebe-se que Wittgenstein rejeita o recurso científico justamente para negar aquilo que está para além das compreensões físicas, pois não olhamos com o mesmo olhar um fato científico e outro que cabe ao campo do dito milagre.

Disso, tiramos que a experiência religiosa não está passível de ser expressa numa linguagem significativa, pois há experiências das quais se faz referência quando se diz que Deus criou o mundo, ou ainda, como se sentir seguro nas mãos de Deus, ou ainda, dizer-se que Deus desaprova nossa conduta. Deste modo, ao falarmos de “maravilhas

⁷ Análise minha, talvez tenha usado o verbete de forma audaciosa ou mesmo enfática.

⁸ A palavra eufemismo é usada com sentido linguístico literário.

pela existência do mundo” compatíveis com quaisquer aspectos dos fatos, envolvemos o uso distorcido dessas “maravilhas”.

Afirmar que se está “protegido”, independentemente de qualquer acontecimento, significaria negar as próprias condições que tornam consideráveis as expressões religiosas, contudo, parece-me que Wittgenstein está se blindando contra qualquer ameaça de perigo que possa existir nas expressões religiosas.

É curioso, ao mesmo tempo desafiador, reconhecermos que somos tentados a dizer que as expressões corretas na linguagem do milagre da existência do mundo é a existência da própria linguagem, ou seja, a possibilidade de formular proposições sobre o mundo; voltando ao Wittgenstein, há um limite linguístico que deve ser respeitado, os fatos precisam estar na realidade,

O mundo é a totalidade dos fatos, não das coisas. (TLP. § 1.1)

O mundo é determinado pelos fatos e por isto consistir em todos os fatos. (TLP. § 1.11)

A totalidade dos fatos determina, pois, o que ocorre e também tudo que não ocorre. (TLP. § 1.12)

Os fatos, no espaço lógico, são o mundo. (TLP. § 1.13)

O mundo se resolve em fatos. (TLP. § 1.2)

E assim, nos é permitido transcender dentro dos limites da argumentação e das proposições apresentadas. Pode-se concluir que as soluções filosóficas *a priori* carecem de sentido.

Segundo Wittgenstein, de um lado, existe ciência e, do outro, existe vida. Não existe metafísica. Contudo não é indiferente em relação à vida e à filosofia. Mas vida e ciência constituem esferas independentes. Esta visão hoje pode ser contestada radicalmente, visto carecer do sentido mais recente dado à investigação, pois a ciência não se apóia apenas em proposições figurativas, ou seja, em fatos. As soluções dos problemas da vida, para Wittgenstein, devem ser procuradas fora da filosofia porque esta deve guardar silêncio em face ao campo dos valores e da metafísica. Talvez esta tenha sido a principal razão por que, depois de escrito o *Tractatus*, Wittgenstein tenha se retirado do convívio dos filósofos, pois, resolvidos todos os problemas filosóficos, foi conseguido muito pouco.

4 CONSIDERAÇÕES DA RELIGIÃO QUE DÁ SENTIDO

Até o presente momento analisamos os dilemas da filosofia e do calar-se diante das questões que estão para além da realidade física. Andamos pelo “pântano espinhoso” do *Tractatus* e suas considerações a respeito do místico e da compreensão da realidade a partir dos fatos que a linguagem consegue expressar. Neste quarto e último momento, faremos nossas considerações finais introduzindo o estado da questão que nos levou a pesquisar e apreciar o místico no *Tractatus*: o tema da religião que dá sentido à vida.

“Como seja o mundo, é completamente indiferente para o Altíssimo. Deus não se revela no mundo” (TLP. § 6.432). Deus não seria, segundo Wittgenstein, um ente no mundo, mas o significado do mundo. Crer numa divindade, Deus, significa entender a pergunta sobre o significado da vida. Para o teísta clássico, crer num ser sobrenatural e transcendente, Deus, significa ver que a vida tem um significado. As crenças religiosas são crenças nos fatos existentes, e podem ser tanto verdadeiras quanto falsas, assim como qualquer outra crença, até mesmo na crença de estarmos lendo o que está escrito neste artigo, crenças razoáveis ou não.

As crenças religiosas podem ser justificadas ou mesmo injustificadas racionalmente, porque não são crenças que retratam as questões sobre os fatos empíricos. Não pode haver um apelo evidencialista para justificá-las, tão pouco, serem criticadas pelo fato de que elas não possuem um suporte nos fatos existenciais. Elas são, portanto, algo que podemos comparar com um comprometimento apaixonado com um sistema de referências. Embora sejam crenças, é um modo de dar sentido à existência humana, de avaliar a vida e suas ações.

O conceito religioso tem um lugar peculiar central e fundamental na vida daquele que crê: do religioso. A crença religiosa envolve não somente um modo particular de pensar, mas uma forma distinta de pensar a vida, porque as crenças religiosas não são concretas, mas possuem um caráter representativo na forma de interpretar o mundo dentro do viés temporal do presente, passado e futuro. Posso tentar

afirmar que será um engano, ou mesmo um erro, buscar justificá-las com evidências, ou mesmo criticá-las por serem as evidências insuficientes para justificá-las.

Poder-se-á afirmar que a crença religiosa exige a aceitação de fatos históricos particulares para sua aceitação, porém, tal aceitação não seria o necessário para a crença religiosa, uma vez que, o indivíduo poderia crer na essência da história do cristianismo e mesmo assim não possuir nenhuma relação com a crença religiosa. Porquanto, por mais que a história do cristianismo, usando-o como referência, possa transparecer dúvidas quanto a sua veracidade, esses equívocos não seriam argumentos fortes suficientes para fazer com que o crente mudasse sua visão.

Por mais confuso que possa transparecer os relatos históricos descritos pelos quatro evangelistas, pensando em fatos históricos, poderiam ser falsos e, mesmo assim, a crença religiosa não perderia nada com isso, porque a prova histórica é irrelevante para quem crê. “É místico o sentimento do mundo como um todo limitado” (TLP. § 6.45). O crente se vale da mensagem apresentada pelos evangelistas. A crença é uma relação de afeto, de amor. Esse amor é a certeza que caracteriza a aceitação dos relatos históricos como verdadeiros, pois são particulares e não qualquer outra coisa.

A crença teísta em um Deus cristão é a renúncia da própria vontade, é entregar-se ao seu Deus. O mundo dos fatos, o cotidiano, as realizações são entregues nas “mãos” desse Deus e, Ele torna-se o princípio, a vereda e dono dos passos daquele que crê. Deus, para o teísta, é aquilo que dá sentido à vida, antes perdida no mundo dos fatos, nos desejos, lutando internamente contra suas vontades e princípios que guiavam sua vida.

Até aqui, espero ter caracterizado as ideias sobre religião e sobre o místico em Wittgenstein. Vimos que o místico do *Tractatus* tem um caráter próprio e diferenciado do misticismo religioso. Contudo, não se pode afirmar que ele é totalmente distinto de tal misticismo. Findo este trabalho assegurando que o interesse de Wittgenstein do *Tractatus* era propiciar um lugar para que a religião pudesse manter-se sem os ataques inconvenientes da ciência e da filosofia. Que a religião dá sentido àquele que crê. E assim, elucidamos as contribuições da obra *Tractatus* para a compreensão do discurso religioso.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Edilson Alves de. *O místico em Wittgenstein: a filosofia e os limites da linguagem*. Periódicos acesso em [HTTPS://periodicos.uesc.br](https://periodicos.uesc.br).

BARRET, Cyril. *Ética y creencia religiosa en Wittgenstein*. Trad. Humberto Marraud González. Madrid: Alianza. 1994.

CAVASSANE, Ricardo Peraça. *A concepção de filosofia de Wittgenstein*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2013. CDD 148.

CUTER, J. V. *A lógica do Tractatus*. Manuscrito, v. 25, n. 1, p. 87 – 120, 2002.

FOGELIN, R. *Wittgenstein*. 2. Ed. London: Routledge, 1987. ISBN: 978-0-415-20378-4

GLOCK, Hans-Johann. *Dicionário Wittgenstein*. Tradução Helena Martins; revisão técnica, Luiz Carlos Pereira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998. ISBN:978-85-7110-440-2.

MALCOLM, Norman. *Ludwig Wittgenstein: A Memoir*. 1ª edição. Oxford: Oxford University Press, 1958.

MARGUTTI, Paulo. *A questão da continuidade do pensamento de Wittgenstein* – Publicado originalmente em: Guido Imaguire; Maria Aparecida Montenegro; Tarcísio Pequeno. (Org.). *Colóquio Wittgenstein. Artigos em comemoração ao cinquentenário das Investigações Filosóficas*. Fortaleza: Edições UFC, 2006, p. 13-54. Artigo acesso <https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/2014/06/29/a-questao-da-continuidade-do-pensamento-de-wittgenstein-paulo-margutti/>

MARQUES, Edgar. *Wittgenstein & o Tractatus*. Coleção Filosofia Passo-a-passo, Vol. 60. 1ª Ed. Zahar, 2005. ISBN: 978-85-7110-864-6.

_____. *Espaço e Tempo no Tractatus de Wittgenstein*. In: ÉVORA, F. R. R (org.). *Espaço e Tempo*. Campinas: CLE-Unicamp, 1995 (Coleção CLE, 15). p.109-131. ISSN 0103-3147 Versão digital em <http://www.unicamp.br/~jmarques/pesq/wittgenstein.htm>

MICHELETTI, Mario. *Filosofia analítica da Religião*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

PINTO, Paulo Roberto Margutti. *Iniciação ao silêncio*. Uma análise do *Tractatus* de Wittgenstein como forma de argumentação. Belo Horizonte: Edições Loyola, 1998. SBN: 85-15-01652-4.

REALE, Giovann. *Historia da filosofia, v. 7: de Freud a atualidade* / Giovanni Reale, Darlo Antiseri; [tradupso Ivo Storniolo]. - SLo Paulo: Paulus, 2006. - (ColeCLo historia da filosofia) ISBN 85-349-2498-8.

RHEES, Rush. *Discussions of Wittgenstein*. Bristol: Thoemmes Press, 1996. ISBN: 978-18-5506-492-8.

SPICA, Marciano Adilio. *Wittgenstein: a religião para além do silêncio*. Florianópolis 2009 Livros Grátis <http://www.livrosgratis.com.br>

STENIUS, E. *Wittgenstein's Tractatus*. New York: Cornell University Press, 1964

STERN, David. *Das observações filosóficas à unidade da ciência*. Universidade de Iowa. Artigo acesso em <https://revistas.ufpr.br>

WITTGENSTEIN, L. *Diário Filosófico*. Barcelona: Ariel, 1982.

_____. *Notebooks 1914-1916*. New York and Evanston: Harper & Row, 1969. Edited by G. H. von Wright and G. E. M Anscombe, with an English translation by G. E. M Anscombe.

_____. *Tractatus Logico-Philosophicus*. 3 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017. Tradução, apresentação e ensaio introdutório de Luiz Henrique Lopes dos Santos; introdução de Bertrand Russell.

_____. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Trad. José Arthur Giannotti. Companhia Editora Nacional Editora da Universidade de São Paulo Biblioteca, série 1ª, Vol. 10. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.

